



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## REICH NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CORPORAL AO TRABALHO DO PSICÓLOGO ESCOLAR

Patrícia Rech de Almeida

### RESUMO

A visão reichiana de saúde segue um caminho educacional e sua visão de educação segue um caminho psicoprofilático, numa bela integração entre saúde e educação, o que torna a aplicabilidade da Psicologia Corporal no contexto escolar de grande relevância. A prática do psicólogo corporal no ambiente escolar baseia-se no ideal, na esperança e na expectativa de que uma atuação preventiva com educadores alunos e familiares possa contribuir com o ideal reichiano de fazer parte da construção de um mundo melhor, com pessoas autorreguladas e relações humanas mais saudáveis e mais felizes, em uma sociedade baseada na liberdade e na crença no potencial humano.

**Palavras-chave:** Educação. Psicologia Corporal. Psicologia Escolar. Reich.

---

A Psicologia Escolar teve seus primórdios no final do século XIX, com caráter clínico, psicométrico e classificatório. O foco era a avaliação da dificuldade de aprendizagem, num enfoque curativo e que abordava os percalços escolares exclusivamente como dificuldades individuais (Cassins, 2007). Nas primeiras décadas do século XX o trabalho do psicólogo se intensificou e surgiram muitos estudos e pesquisas sobre desenvolvimento infantil e inteligência, culminando no desenvolvimento de novos testes e escalas para medir o desempenho do aluno.

No Brasil, de acordo com Cassins (2007), os estudos sobre a interface entre Psicologia e Educação também iniciaram com caráter clínico e curativo, mas com o surgimento da escola normal e o grande contingente de pedagogos estudando e ensinando Psicologia, houve um grande impulso nos estudos sobre a relação professor-aluno, desenvolvimento infantil e condições educativas da escola e dos professores. Isto propiciou que, nas décadas seguintes, acontecessem mudanças substanciais. O enfoque clínico se tornou mais pedagógico, redirigindo a atenção dos profissionais para uma condição mais preventiva e preocupada com a saúde psicológica, considerando o aluno como um ser em processo de desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo e social e a escola como propiciadora de condições favoráveis ou desfavoráveis ao processo de aprendizagem. A preocupação com a psicologia na escola se tornou nacional e começou um processo de reconhecimento legal do profissional neste contexto.



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Esta evolução da Psicologia Escolar mostra uma interface interessante com a perspectiva reichiana. Wilhelm Reich, médico psiquiatra, austríaco, judeu e aluno de Freud, criou sua escola de Psicologia em 1928, com o objetivo de estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente e do corpo, compreendidos numa unidade funcional (VOLPI & VOLPI, 2002).

Naquela época os pacientes ficavam deitados em um divã, de costas para o psicanalista. Reich, em seus atendimentos clínicos, tirou o paciente do divã e o sentou em sua frente, para poder observar suas posturas e atitudes. Ele criou, assim, a técnica da análise do caráter, uma terapia que não é somente psicológica, mas diretamente ligada ao corpo. Por meio desta técnica ele descobriu a existência da couraça muscular, um bloqueio energético muscular e psicológico, formado ao longo do desenvolvimento humano, numa tentativa de proteção do organismo contra o estresse. Para Faria (2009), ela é resultado do conflito entre exigências pulsionais e a frustração dessas exigências o que pode ocorrer por parte da família, professores e sociedade. Esse encouraçamento, numa tentativa de defesa, diminui a sensibilidade ao desprazer, mas também diminui a sensibilidade ao prazer e satisfação.

O caráter, então, é uma estrutura que resulta das situações vivenciadas na história de desenvolvimento do indivíduo. Para Volpi & Volpi (2003, p. 110), é uma “mudança crônica do ego, que se pode descrever como um enrijecimento, cuja finalidade é a de proteger o ego dos perigos internos e externos.” Estas couraças contêm ou esvaziam não apenas a energia física, mas também os sentimentos e pensamentos. A pessoa encouraçada não pensa livremente, nem sente livremente nem age livremente.

A partir desta descoberta, com o objetivo de facilitar a compreensão, Reich mapeou o corpo em sete segmentos de couraças, que são o ocular, o oral, o cervical, o torácico, o diafragmático, o abdominal e o pélvico. (VOLPI & VOLPI, 2003). Quando existe a couraça, resultante da falta de energia no corpo ou do excesso estagnado, a restrição ou fluidez de energia são expressos não apenas nestas regiões do corpo, mas também na emoção e na mente, através dos traços de caráter. Elas impedem o fluxo energético e o corpo, numa tentativa de compensação, adapta novas posturas, como olhos arregalados, pescoço tenso, peito estufado, entre outras.

Estes traços de caráter vão sendo modelados no corpo através das experiências corpóreas e afetivas que a criança vivencia durante as etapas do desenvolvimento. Se a criança vivenciar todas estas etapas sem bloqueios entre os impulsos naturais e as frustrações educativas, atinge o



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

caráter genital. Se houver bloqueios em uma ou mais etapas, surgirá uma caracterologia, conforme a etapa em que ocorreu cada bloqueio.

A primeira etapa é a de sustentação (Volpi & Volpi, 2002), que inicia na fecundação e vai até aproximadamente o décimo dia após o nascimento. Se não houve danos graves durante o período gestacional, o bebê nasce com um bom sistema energético e uma boa capacidade de contato. Se houver estresses graves na gestação, parto ou primeiros dez dias após o parto cria-se a estrutura de caráter núcleo psicótico (NAVARRO, 1995).

A etapa seguinte é a de incorporação (Volpi & Volpi, 2002), que ocorre a partir do décimo dia e vai até o desmame, por volta do nono mês de vida do bebê. Se o desmame ocorrer de forma tranquila e no tempo adequado, a criança desenvolve uma boa capacidade de comunicação. Se o desmame acontecer precocemente, de forma brusca ou for tardio, ele provocará um estresse e produz o caráter denominado por Navarro (1995) de borderline.

A próxima etapa é a de produção (Volpi & Volpi, 2002), que inicia no desmame e vai até o final do terceiro ano de vida. Nesta fase a criança desenvolve a construtividade, o interesse por brincadeiras e jogos imaginativos, a autoconsciência, o autodomínio e a imitação. Se houver frustração excessiva surge a estrutura psiconeurótica (Navarro, 1995). Se a frustração envolver predominantemente medo da punição, há a estrutura caracterial masoquista e se houver preocupações em excesso com ordem e limpeza surge a estrutura obsessivo-compulsiva.

A quarta etapa é a de identificação (Volpi & Volpi, 2002), que ocorre a partir do quarto ano de vida e vai até o fim do quinto ano de vida. Esta etapa é voltada à descoberta dos genitais e diferenciação sexual e também ao desenvolvimento da individualidade e da identidade, com a conservação de gênero. Se houver frustrações graves, há a formação das estruturas de caráter neuróticas (Navarro, 1995), que podem se dividir em fálico-narcisistas e histéricas.

A última etapa de desenvolvimento é a de estruturação (Volpi & Volpi, 2002), que vai do final do quinto ano de vida até a puberdade, e completa a formação da estrutura básica de caráter. Se a criança chegar nesta fase sem bloqueios nas fases anteriores se desenvolve o caráter genital, que é equilibrado e autorregulado, porém difícil de ser encontrado.

A saúde psíquica, então, está ligada a uma boa economia energética, ou seja, um equilíbrio entre a quantidade de energia disponível no organismo e o grau de satisfação alcançado. Quando há baixa carga de energia disponível no organismo ou a energia fica contida, estagnada desenvolve-se a couraça.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A couraça nestes diversos segmentos não pode ser desfeita, mas pode ser flexibilizada e o organismo passa a funcionar num nível mais maduro. Nas palavras de Faria (2009, p 39),

... na visão reichiana, do mesmo modo que a cultura repassa para o indivíduo todos os seus encorajamentos, por meio da educação poderia existir a possibilidade da produção de saúde, formando-se a partir de então uma sociedade sem bloqueios, com indivíduos capazes de estar no mundo da forma mais coerente e integrada possível.

Com base nestes conceitos, o conceito de autorregulação é muito importante, pois

“...é a capacidade que temos de autodeterminar nossa vida, direcionar nossa vida segundo padrões próprios, desejos e pulsões que sentimos e determinamos como sendo mais ou menos satisfatórios para nós. A autorregulação é a expressão espontânea de um ser desencorajado que se expressa espontaneamente, sempre no sentido da busca do prazer, que é sentido organicamente. Educar pelo princípio da autorregulação é conduzir o modo de educar as crianças dando a elas a oportunidade de satisfazer seus impulsos primários segundo seus desejos, evitando que se transformem em impulsos secundários pervertidos.” (JEBER, 2005, p.56)

Para Jeber (2005) o conceito de autorregulação deve ser apreendido e incorporado pelos educadores como princípio e fundamento essencial na formação e educação das crianças, para que as crianças sejam capazes de se autodirigirem com base sem suas motivações internas, capazes de expressar interesses genuínos e espontâneos em prol da vida de si e dos outros.

A teoria de Reich, conforme Albertini (1994), sempre esteve ligada a projetos concretos do cotidiano na vida social. Reich era um cientista otimista, que acreditava na possibilidade de uma maior felicidade humana e também na mudança social através da educação e do desenvolvimento saudável das crianças. Apesar de não ser um educador nem sistematizar teorias educacionais, Reich sempre procurou compreender de que forma uma mudança da educação poderia prevenir as desordens emocionais e como a forma de educar influenciaria decisivamente a vida do indivíduo e da sociedade. A visão reichiana de saúde segue um caminho educacional e sua visão de educação segue um caminho psicoprofilático, numa bela integração entre saúde e educação, que torna a aplicabilidade da Psicologia Corporal no contexto escolar de grande relevância.

Todos os educadores, sejam pais, professores ou a comunidade, estão inseridos numa cultura e a suas ações educativas resultam da sua adaptação a ela. Assim, seu enfoque passa a ser social e não individual, e as intervenções também devem adquirir um caráter de busca de transformação social.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Partindo desta perspectiva reichiana, Manica (2006) comenta que as distorções de caráter, marcadas pela ansiedade e agressividade, estão sendo transmitidas às gerações posteriores num círculo vicioso e propõe que cortá-lo, prevenindo o encouraçamento, é o grande objetivo educacional e social.

Para cortar este círculo vicioso a educação precisa respeitar o fluxo natural energético das crianças, deixando que elas se desenvolvam naturalmente. Para Reich (s/d) a principal tarefa básica de toda educação deveria ser dirigida aos interesses da criança, buscando remover os obstáculos do caminho de toda a produtividade e plasticidade da energia biológica apresentada pelas crianças, com a tarefa de proteger sua força natural.

Nesta tarefa educacional e profilática é importante que ocorram a satisfação e frustrações pulsionais parciais, colocando os limites necessários sem inibir o desenvolvimento. Contudo, para que o educador possa realizar esta tarefa a contento, ele precisa reconhecer e flexibilizar primeiro as suas couraças e realizar uma boa autorregulação, combatendo o excesso de intervenções educativas, o autoritarismo e a compulsão por educar. Somente assim pode-se pensar em medidas educacionais terapêuticas para combater o encouraçamento infantil e a cronificação de defesas com o conseqüente distanciamento de um funcionamento autorregulado.

Essa é a proposta reichiana de uma educação libertadora, que acredita no potencial humano para a saúde e o desenvolvimento integral e que espera que as crianças do futuro sejam o mais saudáveis quanto for possível

Cassins (2007) afirma que a escola é o espaço de excelência para propiciar o desenvolvimento integral do ser humano através de propostas concretas e eficazes de intervenção que resultem em impacto social. Carpigiani (2008) complementa, afirmando que a grande contribuição da psicologia escolar nos dias de hoje é uma concepção de humanização e desenvolvimento integral. Toda esta proposta da Psicologia Escolar atual está em pleno acordo com o ideal de Reich de que as pessoas podem ser produtivas, felizes e autorreguladas.

Atualmente, conforme Cassins (2007), cerca de 9,2% dos psicólogos brasileiros atuam em escolas e seu trabalho envolve quatro focos principais de intervenção: a escola como instituição, professores e funcionários, alunos e pais/ comunidade. Além disso, o psicólogo escolar também pode atuar junto às Secretarias de Educação, participando do planejamento de projetos coletivos e buscando otimizar os processos educacionais como um todo, desenvolvendo competências e projetos de prevenção.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A atuação dentro do enfoque **institucional** deve privilegiar, de acordo com Cassins (2007), o apoio ao projeto político-pedagógico da escola, realização de diagnóstico institucional, elaboração e execução de projetos em conjunto com a equipe escolar, iniciativas de qualidade de vida no trabalho e ações de desenvolvimento profissional para os funcionários.

O psicólogo corporal pode se inserir no contexto escolar primeiramente trazendo a visão reichiana de saúde, educação e desenvolvimento infantil para a escola, através de reuniões e explicações sobre a Psicologia Corporal e sua importância. A maior parte das escolas brasileiras baseiam seus projetos político-pedagógicos na visão sócio-histórica e na visão construtivista. Cabe ao psicólogo corporal inserir a visão reichiana, complementando o projeto político-pedagógico da escola e estimular trabalhos na linha corporal. Assim é possível sonhar e, quem sabe, realizar o objetivo de que a teoria reichiana esteja presente nos projetos político-pedagógicos, norteando as atividades escolares e contribuindo com a prevenção das neuroses.

As iniciativas de treinamento, desenvolvimento humano e qualidade de vida desenvolvidas pelo psicólogo na escola também podem fundamentar-se nos conhecimentos da Psicologia Corporal, buscando uma melhor economia sexual e autorregulação dos funcionários. Para Pereira (2003), se os professores, equipe pedagógica e funcionários da escola conhecessem as teorias reichianas poderia se dar início a um processo de mudança dos paradigmas educacionais vigentes.

O trabalho com o **corpo docente** privilegia o suporte prático ao resgate da autonomia do professor, atividades de desenvolvimento profissional, orientações, apoio na articulação teoria-prática e participação em reuniões multidisciplinares para discussões de casos. (CASSINS, 2007)

É importante realizar atividades de treinamento, palestras ou reuniões interdisciplinares com os professores no sentido de oferecer recursos teóricos e práticos para que eles entendam as fases do desenvolvimento infantil, as relações afetivas, a economia energética e o processo de encorajamento.

Mas uma boa educação depende não apenas dos conhecimentos teórico-práticos dos educadores, mas principalmente da sua saúde e do seu estado emocional. Para Soares (2004), o sucesso do trabalho do professor depende do desenvolvimento integrado do ser humano, mantendo o movimento espontâneo do aluno dentro da educação formal e respeitando sua natureza corpórea, cinestésica e motora. O encorajamento do professor também pode ser prejudicial. Reich (1998, apud Soares, 2004) relata que uma pessoa bloqueada emocionalmente



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

será propensa a desenvolver idéias errôneas sobre como a criança deveria ser, comportar-se ou saber o que fazer. Assim, pode-se perceber que o maior bloqueio está no bloqueio emocional e ansiedade do educador, que transmite atitudes positivas e negativas, crenças, preconceitos, qualidades, defeitos e valores.

Soares (2004) comenta que o verdadeiro educador preocupa-se com o que transmite a seus alunos, porém a formação docente não oferece subsídios suficientes que lhe possibilitem trabalhar com toda carga emocional necessária no trabalho ou um bom relacionamento interpessoal. Albertini (1994) complementa, afirmando que o bom estado emocional do educador é pré-requisito fundamental para um contato sensível e sintonizado com a criança.

De acordo com Pereira (2003) é necessário oferecer aos professores um espaço de discussão sobre o afeto, rejeição, alegria, tristeza, troca de energia com o mundo e as pessoas. Quando há bloqueios no livre fluxo da energia é preciso ajudar o professor a fazer contato com seu próprio corpo e sua energia, Para que seu padrão energético interfira positivamente no contato com os alunos

Seguindo essa linha, Soares (2004) relaciona alguns temas que podem ser trabalhados com professores: integração do professor com a ambiente físico e companheiros; automotivação; consciência e sensibilização corporal; redescoberta do potencial criativo; habilidades comunicativas; relacionamento interpessoal; capacidade de incentivo: postura profissional e pessoal, autorregulação, exercícios e reflexões sobre percepção corporal e equilíbrio energético.

Esta mesma autora afirma que ao se trabalhar aspectos inerentes ao papel de educador, também se fornece orientações e vivências sobre suas emoções e sua repercussão na vida pessoal e profissional, o que promove uma forma prática para autorregulação e constrói novas condições para sanar dificuldades relacionadas com a aprendizagem de modo geral. Ainda, um professor autorregulado e com boa economia de energia, tem melhores condições de compreender verdadeiramente as particularidades de seus alunos e de se encantar pelo processo de ensino-aprendizagem.

Quando a formação docente contemplar todos estes aspectos, existirá o educador que Reich (1999, apud Moyzes & Mota, 2003, p. 121)) descreveu como o educador do futuro:

O educador do futuro fará sistematicamente (e não mecanicamente) o que todo educador bom e autêntico já faz hoje: sentirá as qualidades da Vida viva em



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

cada criança, reconhecerá suas qualidades específicas e fará tudo para que elas possam desenvolver-se plenamente. (...) o educador autêntico deverá assumir uma dupla tarefa: a de conhecer as expressões emocionais naturais que variam de uma criança para outra, e a de aprender a lidar com o meio social, restrito e amplo, na medida em que este se opõe a essas qualidades vivas.

Cassins (2007) propõe que as intervenções psicológicas com os **alunos** envolvam participação em projetos preventivos, participação nos planos de intervenção individual e grupal, encaminhamentos a atendimentos especializados necessários e elaboração de projetos de apoio à construção da identidade pessoal e participação social.

Atualmente, já existem vários psicólogos realizando uma atuação em Psicologia Escola a partir de um enfoque preventivo. Além das orientações e intervenções com os docentes e familiares, o psicólogo pode realizar oficinas preventivas com grupos de crianças e turmas inteiras. Estas oficinas podem abordar diversos temas, como inteligências múltiplas e inteligência emocional, grupos de movimento, atividades com ludoterapia (de uma maneira preventiva, grupal, não com enfoque curativo) e jogos, de acordo com as fases do desenvolvimento, utilizando também recursos de áreas complementares, como a arteterapia e a contação de histórias.

Estas intervenções em crianças no contexto escolar, de acordo com Rocha (2004), possuem finalidades pedagógicas e profiláticas, buscando promover a evolução saudável da criança através da recuperação do lúdico e da vitalidade das crianças, dos professores e da escola. Para ela, não há objetivos clínicos de conscientização de conflitos intrínsecos, mas de mobilizar a energia vegetativa do organismo através das brincadeiras, jogos e atividades.

Com os **pais, familiares e comunidade** o psicólogo pode, para Cassins (2007), desenvolver palestras e atividades de esclarecimento, educação e prevenção, participar da busca do fortalecimento do elo família-escola e desenvolver programas que promovam o desenvolvimento de habilidades sociais significativas, que estimulem a criatividade e o desenvolvimento de potenciais individuais e coletivos.

Estas atividades podem ser enriquecidas com a visão reichiana. Para Reichert (2011), a criação dos filhos necessita passar por uma revisão profunda, principalmente no modo como se estabelecem os vínculos psicoafetivos entre adultos e crianças durante a Infância inicial. Para ela o cultivo deliberado de respeito biopsicológico, autorregulação e de bons vínculos pode ser um recurso para que a educação infantil esteja voltada ao desenvolvimento pleno e integral.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Além das tradicionais palestras para pais em reuniões escolares, pode-se realizar reuniões por turma ou série para orientar os pais sobre o desenvolvimento infantil, padrões educativos saudáveis e como dar limites à criança respeitando seus impulsos vitais e sua espontaneidade e sem frustrá-la excessivamente. Este espaço também pode ser utilizado para a realização de vivências e atividades que busquem flexibilizar as coraças, atingindo uma melhor economia energética. Ainda, é importante oferecer um espaço para que as famílias possam ser orientadas em suas questões sobre o desenvolvimento de seus filhos.

É muito importante, também, orientar os pais sobre a importância de ocorrer frustração e satisfação parciais na educação, numa ação educacional frustrante sem inibição pulsional completa. Para Albertini (1994, p. 62), “a vivência da frustração, desde que num grau tolerável (...) é condição essencial para a mobilidade no processo contínuo de substituição da primazia de uma dada pulsão parcial pela subsequente.” A contenção educativa é importante, traz um limite que auxilia na educação, mas deve ser sempre realizada com muita coerência, de forma progressiva e contínua.

Para Reichert (2011) existem cinco padrões educativos básicos: frustração excessiva, permissão excessiva, permissão excessiva e frustração traumática, negação da frustração e dos sentimentos e equilíbrio entre frustração e satisfação. Esta mesma autora relaciona algumas características do modo de educar equilibrado: expressar amorosidade corporalmente; ser firme, respeitoso, autêntico e estabelecer e sustentar limites; valoriza a autonomia e independência infantil, mas com responsabilidade; valoriza aptidões e esforços da criança, respeitando seus sentimentos e dificuldades, entre outras. Este padrão cria um território adequado para o desenvolvimento de pessoas autorreguladas, equilibradas e espontâneas, com preparo para lidar com crises e sentimentos conflitantes, com competência interpessoal, ética e capacidade produtiva.

Reich sempre acreditou na possibilidade do desenvolvimento desse ser humano mais saudável. Seguindo este ideal e questionando as idéias vigentes de sua época, ousou fazer sua própria estrada e criou uma obra de imenso valor. Para ele a realização deste ideal depende das estruturas de caráter da crianças. Em suas palavras:

“Somos apenas cadeias de transmissão entre um passado miserável e um futuro eventualmente melhor. Não devemos ser construtores deste futuro; não temos o direito de dizer às nossas crianças como construir o seu futuro, já que nos mostramos incapazes de construir nosso próprio presente. O que podemos



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS**. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

fazer, no entanto, é dizer às nossas crianças exatamente onde e como falhamos. Podemos disso fazer tudo o que for possível para remover obstáculos em seu caminho na construção de um mundo novo e melhor para elas. (...) Mas podemos equipá-las com o tipo de estrutura de caráter e vigor biológico que as tornaria capacitadas a tomar suas próprias decisões, encontrar seus próprios caminhos e construir seu próprio futuro e o de suas crianças, de modo racional.” (REICH, s/d, p. 5-6)

A busca desta interface entre a Psicologia Escolar e a Psicologia Corporal são baseadas no ideal, na esperança e na expectativa de que uma atuação preventiva com educadores e com as crianças possa contribuir com o sonho de todo psicólogo de orientação reichiana que é fazer parte da construção de um mundo melhor, com pessoas autorreguladas e relações humanas mais saudáveis e mais felizes, em uma sociedade baseada na liberdade.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTINI, Paulo. **Reich: história das ideias e formulações para a educação**. São Paulo: Ágora, 1994.
- CARPIGIANI, B. (Org.) **Lugares da Psicologia**. 1ª. Ed. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica Ltda, 2008.
- CASSINS, A. M. (et al). **Manual de Psicologia Escolar-Educacional**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.
- FARIA, C. C. M. M. Reich: a noção de couraça e a educação. In VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Revista de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, no. 10, p. 34-40, 2009.
- JEBER, L. J. Auto-Regulação: um conceito para a educação da crianças na família e na escola. In VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Revista de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, no. 6, p. 53-57, 2005.  
2005
- MANICA, M. B. Educação Infantil pela ótica Reichiana. In VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Revista de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, no. 7, p. 54-59, 2006.
- MOYSES, M. H. F. & MOTA, M. V. S. Professor de corpo inteiro: corpo desbloqueado, professor com mais contato. In VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Revista de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, no. 3, p. 114-124.
- NAVARRO, F. **Caracterologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.
- PEREIRA, Valéria Resende Teixeira Pereira. A Síndrome de Burnout e a Concepção Reichiana de Saúde do Educador. In VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Revista de Psicologia Corporal**. Curitiba:



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Patrícia Rech. Reich na escola: contribuições da psicologia corporal ao trabalho do psicólogo escolar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Centro Reichiano, no. 3, p. 93-97.

REICH, W. Análise do Caráter. SP: Martins Fontes, 1998. In: SOARES, M. C. Motivação e Sensibilização na Educação: a prontidão emocional do professor. In CONVENÇÃO BRASIL LATINOAMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO, ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. REICH, W. **Crianças do Futuro**.

Curitiba: Centro Reichiano, s/d.

REICH, W. O Assassinato de Cristo. SP: Martins Fontes, 1999. In: MOYZES, M. H. F. & MOTA, M. V. S. In VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Revista de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, no. 3, p. 114-115.

REICHERT, E. **Infância: a Idade Sagrada**; anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos. 3ª. Ed. Porto Alegre: Edições Vale do Ser, 2011.

ROCHA, B. Brinkando na escola: o espaço escolar como criação e crescimento. In CONVENÇÃO BRASIL LATINOAMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO, ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD- ROM.

SOARES, M. C. Motivação e Sensibilização na Educação: a prontidão emocional do professor. In: In CONVENÇÃO BRASIL LATINOAMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO, ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.

VOLPI, Sandra Mara & VOLPI, José Henrique. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VOLPI, Sandra Mara & VOLPI, José Henrique. **Reich: da psicanálise à análise de caráter**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

---

**Patrícia Rech de Almeida / Pato Branco / PR / Brasil** - CRP-08/8449 - é Psicóloga com formação e aperfeiçoamento em Saúde Mental, Especialista em Metodologias Inovadoras Aplicadas à Educação e cursa Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR.

**E-mail:** [pati.rech@hotmail.com](mailto:pati.rech@hotmail.com)